Animatógrafo

N.º 60 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 30 DE DEZEMBRO DE 1941 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS.

MISSÃO DUM JORNAL

Todos aqueles incorrigíveis jornalistas que, como o autor destas linhas e a maior parte dos seus companheiros de armas nesta trincheira cinéfila, aprenderam o seu ofício nas redacções e oficinas dos grandes cotidianos, sentem como que um ar novo oferecido ao seu resfolegar profissional dentro da nova fórmula do «Animatógrafo». A amplidão das páginas, a medida mais larga das colunas, o cabeçalho, negro e gôrdo, com as suas «tripas» familiares, impondo-se como um grito ao alto da «primeira», tudo nos dá a sensação de que um novo «espaço vital» se oferece à nossa febre de conquistadores.

Aquilo que queremos conquistar é bem legítimo, e bem digno da nossa missão de jornalistas portugueses: a emancipação do Cinema Português, dentro das melhores relações com o BOM CINEMA estrangeiro, venha lá êle donde vier.

Mas, como todos os conquistadores, nós temos inimigos. Alguns — são poderosos. E quási todos êles — são hábeis. A missão que nos propusemos não é portanto fácil, nem inofensiva, nem gratuita. Já temos pago caro, alguns dos atrevimentos indispensáveis. E estamos certos de pagar outros bem mais caro ainda.

O momentâneo desequilíbrio orçamental provocado pelo «bloqueio» de publicidade a que já largamente nos referimos, remediámo-lo nós com a resolução tomada a tempo de mudar radicalmente, duma semana para a outra, as características gráficas e o preço do nosso jornal. Banimos duma assentada, sem uma hesitação, tudo o que nêle havia, desde o comêço, de arrevistado e catita. Adeus, lindas cachopas de além-mar, impressas em rica rotogravura ou embonecadas a duas côres! Adeus, garbosos ases de bigode, destinados à galeria sentimental das suas fervorosas admiradoras!... Choremos uma lágrima sentida sôbre a impossibilidade de reproduzir, por ora, condignamente, tão impressionantes formas e feições. Acreditem: a culpa não foi nossa. E não suponham que nos sentimos vèxados por ter transigido alguma vez com a dispendiosa sedução de editar beleza estandardizada. Nós sabemos e reconhecemos tudo quanto o nosso querido Cinema vos deve, a vós, ó paladinos da mocidade luminosa, que fazeis o sacrifício da vossa tranquilidade à razão duma data de milhares de dólares por semana.

Mas a missão do nosso jornal foi sempre muito outra. E vocês, que são inteligentes, são capazes de nos compreender.

Imaginem, por um instante, que lá no vosso país, as fitas feitas cá na nossa terra, em que cavalgam os nossos campinos em vez dos vossos «cow-boys», em que o Zé do Telha-do é o único «gangster» apresentável em público, e a saloiada rivaliza à compita com os hirsutos «hill-billies», as nossas fitas — dizíamos — faziam a vida negra às vossas, onde havia tudo aquilo que vocês sentiam, e percebiam e amavam. E imaginem que, ainda por cima, uma fita dum realizador vosso compatriota se arriscava a estar semanas e semanas à espera de vez, porque outras fitas, com a Beatriz Cesta, a Madalena Sotto e o Oliveira Martins invadiam os salões, isto sem que nenhuma delas contribuísse com um miserável «dime» para que, vocês fizessem o gôsto ao dedo, num Lumiar da Califórnia, apresentando a história do Abe Lincoln no Illinois ou as atribulações familiares dos Hardys que o vosso público muito belamente reclamava.

O que é que acontecia? Acontecia, com certeza, que vocês davam uma sorte de todos os diabos, faziam greve, punham-se a passear em frente dos cinemas com um letreiro às costas em que declaravam que a Tobis e a Lisboa Filme não tinham sido «fair» com o Tio Sam, e se calhar conseguiam que a Casa Branca arranjasse aos poderosos distribuïdores portugueses da Broadway uma daquelas carrapatas que êles até se viam azuis.

Pois nós cá somos muito melho-

(Vêr conclusão na 4.ª página)

Prossegue a construção dos cenários de «O COSTA DO CASTELO»

As filmagens devem começar a 10 de Janeiro

Manuel Santos Carvalho é quem ensaia os intérpretes

O ritmo da produção portuguesa de filmes não afrouxa, antes se acelera, mês a mês, à medida que exibidores e produtores começam a ver sem dúvidas a grande realidade que é a predilecção do público português pelos filmes que falam a nossa língua e pelas personagens com quem sentimentalmente se entendem. A produção de fitas portuguesas com continuidade vai cimentando com segurança os seus alicerces, preparando-se assim para melhorar a sua qualidade, alargar o seu interêsse e desempenhar na vida nacional o lugar que lhe compete.

Mal acabadas as filmagens de «O Pátio das Cantigas» o que, há dias, como foi anunciado em «Animatógrafo» se verificou, a «équipe» de construções da Tobis, dirigida por José Malveira começou logo a erguer novos cenários no estúdio. Êste não teve, assim, nem um dia de descanso e ainda bem que não chega para as encomendas porque isso significa o progresso e a vitória do Cinema Português. Os cenários que na Quinta das Conchas se levantam agora são da autoria do nosso querido colaborador e amigo Raúl Faria da Fonseca, autor, também dos cenários de «O João Ratão», «Lôbos da Serra» e «Ala, Arriba!». Estamos certos que Raúl mais uma vez patenteará não o apurado gôsto de decorador como também a sua completa noção das exigências do cenário cinematográfico em que sempre se mostrou especialista. Logo que os primeiros «décors» sejam dados como prontos — o que deve acontecer entre 10 e 15 de Janeiro, começarão as filmagens. Veremos novamente, no «plateau» da Tobis, Artur Duarte empunhar os seus inseparáveis megafones e apitos como realizador. A seu lado, como assistente técnico, um dos mais conhecedores e valiosos profissionais do Cinema Francês que, vindo para Portugal para cuidar da montagem de «Ala, Arriba!», por cá ficou contratado pela Tobis. A sua experiência e o seu conselho serão com certeza traduzidos em resultados, durante a realização do «Costa do Castelo». Aquilino Mendes operador festejado da «Canção da Terra» e do «João Ratão» que um dia abandonara Portugal para tentar sorte no Brasil, volta também ao Lumiar, como filho pródigo e vai dar boa conta de si.

Quanto aos actores o leitor perguntará bem mas... só lhe podemos falar de alguns consagrados que são: Maria Matos, Laura Alves, António Silva e Manuel Santos Carvalho.

Tereza Casal também volta a trabalhar dirigida por seu marido.

Mas há mais raparigas e rapazes novos que, no entanto ainda não estão definitivamente escolhidos. Artur Duarte e Saint Léonard têm feito provas para escolher dois intérpretes só sabendo, por enquanto, que há grandes probabilidades de vermos na tela a cantora da rádio Milú e Igrejas Caeiro ou Curado Ribeiro que é também um profissional da rádio.

Um facto há a que não queremos deixar de fazer referência especial. Manuel Santos Carvalho actor sobejamente conhecido do nosso público teatral e cinematográfico, profissional de reconhecido valor, homem



Manuel Santos Carvalho no sargento Balata de «Lôbos da Serra»

que sabe da sua arte a valer foi contratado pela Tobis para ensaiar os intérpretes de «O Costa do Castelo» que não são actores de teatro. Merece o acontecimento ser festejado, primeiro porque é, de qualquer modo, uma homenagem ao saber de Santos Carvalho que ao Cinema se tem dedicado de corpo e alma; segundo, porque revela o cuidado com que a Tobis prepara o seu filme, não se poupando a sacrifícios; e, ainda, porque representa o regresso duma técnica que a Tobis já adoptou com resultados em «A Varanda dos Rouxinóis» e «O João Ratão».

Santos Carvalho vai agora desemp[...] nhar o pôsto que o saudoso Rafael M[...] ques desempenhou nesses dois filmes [...] parando os artistas mais inexperie[...] de maiores dificuldades, cena a ce[...] dando de tirar o maior partido [...] possibilidades e dando feição [...] tores escreveram para ser[...] As vantagens industriais [...] sistema são evidentes. O in[...] diante da câmara e já sabe[...] [...] fôrço e ao produtor um te[...] preciosos.

Estão, pois, a Tobis e Art[...] parabéns e estamo[...] pouco tempo [...] telo», que ora [...] rá também [...] tuguês.

ONDE [...]

«LO[...] SE[...]

Será ainda em [...] Janeiro, no S. LUIZ?

Nos *mentideros* — e também nos chamados «círculos bem informados»... — correm as mais desencontradas versões àcêrca da estreia do novo filme de Jorge Brum do Canto, «Lôbos da Serra». Já saiu do laboratório a cópia de ensaio; preparam-se as cópias definitivas. E a verdade é que ainda nada há de positivo quanto à data e ao local a que está reservada a honra de apresentar a nova obra do realizador de «A Canção da Terra» e «João Ratão».

— É a 6 de Janeiro, no São Luiz.

— Não é nada. Só depois do Carnaval.

— Pode lá ser. Mas dizem-me que só vai duas semanas no Tivoli e passa depois para o Condes.

— Que ideia! Vai mas é no Politeama.

— De qpalquer maneira o Jorge não dispensa récita de gala.

Procuramos informar-nos na fonte limpa: o produtor, principal interessado.

— Ainda não posso dizer nada de positivo.

Inquirimos junto dos cinemas:

— Não está nada assente... Não publique nada... Nada se sabe de concreto...

O distribuïdor, êsse, recolhe-se a um mutismo exemplar.

Francamente, não compreendemos semelhante discrição da parte do produtor ou do cinema a quem o filme coube em sorte. Porque, em nosso entender, só uma atitude se explicaria: que todos os grandes cinemas disputassem, vivamente, o novo filme português.

— Levo eu!

— Não, senhor. Não leva nada! Lc-vo eu! Dou mais tanto.

— Pois eu ainda dou mais!...

Ora quere-nos parecer que não se dá nada disso. Dá-se simplesmente o seguinte: QUE TENDO TODOS OS GRANDES CINEMAS EMPENHO DE O EXIBIR, pela confiança que lhes merece o trabalho do realizador, e a certeza de que estrear um filme português É SEMPRE UM BOM NEGÓCIO, todos êles lutam com mais ou menos embaraços para encontrarem semanas disponíveis, DEVIDO AOS SEUS COMPROMISSOS DE EXIBIR PROGRAMAS ESTRANGEIROS.

Saíu agora em Espanha uma lei que impõe um programa espanhol por cada seis programas estrangeiros. Já que em Portugal não existe nada de semelhante, que ao menos os exibidores imponham, apoiando-se na Inspecção dos Espectáculos (que certamente os não contrariaria), a lei patriótica do facto consumado, exibindo quanto antes, COMO É JUSTO e durante o TEMPO QUE FÔR JUSTO o filme de Jorge Brum do Canto.

E os lesados que se vão queixar ao cônsul...

A ESTREIA DE «O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Está marcada para o dia 16, no EDEN

Não haverá récita de gala

Está marcada para sexta-feira, 16 de Janeiro próximo, a estreia do 2.º Filme da Produção António Lopes Ribeiro, «O Pátio das Cantigas». Começado a filmar na última semana de Setembro, foi dado por concluído nos estúdios a 17 de Dezembro, tendo-se procedido, de então para cá aos trabalhos indispensáveis de sonorização musical, montagem de apuro e trabalhos finais de laboratório. Estreia-se assim três meses e meio depois de começado um filme que, conforme se verá, é particularmente complexo, pelo grande número de figuras que põe em cena e grande diversidade dos cenários, embora tôda a acção decorra num pátio lisboeta típico, em duas ruas adjacentes e num lugar de flores da Praça da Figueira, propriedade da sr.ª Rosa — primeira criação cinematográfica dessa grande actriz que é Maria das Neves. A seu lado, um elenco de vedetas: Vasco Santana, António Silva, Ribeirinho (que foi, além disso, o encenador do filme), Maria Paula, Graça Maria, Laura Alves, António Vilar, Carlos Otero, Barroso Lopes (o João Magrinho), Armando Machado, Pereira Saraiva, Reginaldo Duarte, Os 3 irmãos Marques, Carlos Alves (o impagável Engenhocas), Eliezer Kamenesky, João Silva, Regina Montenegro, etc., etc. E, num papel em que evidencia as suas extraordinárias qualidades; uma rapariga que a rádio já celebrizou: Maria da Graça.

O êxito ainda fresco de «O Pai Tirano», argumento e diálogos dos mesmos autores de «O Pátio das Cantigas», e a certeza de que a mesma equipa técnica só pode progredir desde que trabalhe com a continuïdade que a Prod. A. L. R. lhe assegurou, explica a enorme anciedade com que é aguardado pelo público êste novo filme português.

Tal como para «O Pai Tirano», não haverá récita de gala. Será o público e não apenas os amigos quem julgará.

A taça e as medalhas do «Animatógrafo» de 1941

À semelhança do ano anterior, e tal como tenciona continuar a fazer todos os anos, «Animatógrafo» distinguirá com uma taça de prata O MELHOR FILME ESTRANGEIRO APRESENTADO EM LISBOA EM 1941 e com duas medalhas os intérpretes, homem e mulher, que mais se distinguiram nesse mesmo ano.

Pretendemos marcar assim a nossa «política» a favor do BOM CINEMA, que é a única que importa a autênticos cinéfilos.

Já hoje publicamos a lista dos candidatos aos três prémios: FILMES, ACTORES e ACTRIZES. Esses candidatos foram escolhidos entre todos os filmes e intérpretes do ano como os únicos susceptíveis de aspirarem legitimamente ao título de O MELHOR.

O júri de classificação não teve, tal como no ano anterior, qualquer preocupação de doseamento entre as firmas produtoras ou distribuïdoras que apresentaram os filmes ou os artistas. Todos foram escolhidos EM MÉRITO ABSOLUTO, e o simples facto de figurarem na lista dos candidatos (que, aliás, não consideramos definitiva, para ressalvar qualquer lapso ou injustiça acidental) é já uma distinção.

Mais uma vez se verifica que nem sempre foram *os melhores* que alcançaram maiores êxitos de bilheteira. Que êsse êxito fôsse legítimo não se duvida. Mas que seja êsse o único *prémio* que «Animatógrafo» admita para a sua mediocridade, distinguindo com os seus prémios aqueles que indiscutivelmente o merecerem, pelo nível a que elevarem o Cinema.

Alguns dos candidatos foram admitidos por unanimidade. Outros sòmente por maioria. Mas tôdas as exclusões se verificaram por unanimidade, embora por vezes à segunda volta de escrutínio e após vivos debates.

Nenhuma dessas indicações porém se manifesta, para não influir de nenhum modo no espírito do Júri de Classificação, sendo os nomes dos candidatos publicados por ordem alfabética.

Ainda esta semana serão entregues os Boletins de Voto, que deverão ser preenchidos e devolvidos à redacção em envelope fechado até 15 de Janeiro de 1942.

VER NA PAG. 2

A lista dos candidatos

PANORÂMICA

NO LIMIAR DO NOVO ANO DE 1942, «ANIMATÓGRAFO» DESEJA A TODOS OS SEUS LEITORES, E PARTICULARMENTE A TODOS OS PROFISSIONAIS DE CINEMA, TÉCNICOS E ARTISTAS, UM NOVO ANO CHEIO DE PRÓSPERA FELICIDADE. FAZ VOTOS PARA QUE A PAZ VOLTE A REINAR PRONTAMENTE ENTRE OS HOMENS DESAVINDOS, UMA PAZ CRISTÃ QUE A TODOS TRAGA TRANQUILIDADE, TRABALHO E JUSTIÇA.

Às Terças-Feiras, 5 Tostões

Conforme anunciámos no último número, «Animatógrafo» passa a custar apenas na sua nova fórmula, cinco tostões — cinqüenta centavos — isto é: o mínimo que pode custar qualquer jornal nestes tempos belicosos e difíceis. O director e os redactores do «A» confiam em que êle irá assim atingir um público muito mais vasto ainda do que alcançava até aqui. E têm a consciência plena [illegible]as novas responsabilidades que, [illegible]r êsse facto, sôbre o seu jornal [illegible]ndem.

[illegible]mbém, por necessidades de [illegible] e para que tôdas as críticas [illegible]er publicadas a tempo e [illegible]sto as estreias em Lisboa [illegible]ngarem até sexta-feira [illegible] o seu dia de saída, pas[illegible] pôsto à venda tôdas as [illegible]FEIRAS, em vez de ser [illegible]as.

[illegible]m[illegible]ndo

[illegible]blicar uma [illegible] O Cinema [illegible]licaremos [illegible]naior in[illegible] publica[illegible] estran[illegible]ntuito — [illegible] apoiar as [illegible]ssa «políti[illegible]os por auto[illegible]idades indiscutíveis [illegible] esfera cinematográfica. Move-nos, sim, a obrigação de divulgar o que de mais sensato e oportuno se escreve por êsse mundo fora, entre o troar dos canhões e o zumbir dos bombardeiros, sôbre a *sétima arma* pacífica e poderosa das imagens e dos sons.

A rigorosa selecção dos artigos que publicaremos, dará a essa página foros de sensacional, pondo ao alcance dos leitores portugueses artigos que só poderiam ler gastando muito mais que os cinco tostões que custa «Animatógrafo», e conhecendo a fundo muitas línguas.

Antologia

A par do repositório de artigos contemporâneos que formos traduzindo e dando à estampa na nova página «O Cinema no Mundo», iniciaremos uma «Antologia», em que daremos os textos mais significativos das maiores autoridades, vivas ou mortas, em matéria de Cinema.

A bibliografia cinematográfica, embora vasta, ainda não tem, inexplicàvelmente, o desenvolvimento que a expansão da Sétima Arte justificaria. Além disso, os melhores livros de Cinema, história, técnica, estética, filosofia, são caros e acham-se, na sua grande maioria esgotados. Alguns são mesmo, pràticamente, impossíveis de encontrar.

Os nossos leitores decerto apreciarão, portanto, a nova secção de «Antologia», que abre com uma citação oportuníssima do *clássico* mais considerado e considerável: Louis Delluc.

As Três Barcas

Outra inovação, que por certo agradará aos nossos leitores, pelo seu carácter eminentemente português e pelo seu claro sentido crítico, é a *instituição*, na página da crítica, de «As Três Barcas de Mestre Gil». Procura-se com ela aplicar, transposta para o cinema, a concepção vicentina da selecção das almas, segundo seus pecados ou virtudes. O juízo delas traz pesadas responsabilidades. Mas, sob a égide de Mestre Gil, o primeiro e o maior dos nossos críticos, confiamos em que na secção nova se fará justiça.

OS CANDIDATOS À TAÇA E ÀS MEDALHAS DO «ANIMATÓGRAFO»

A' semelhança do que sucede nos países em que ao cinema é dada a importância que merece, os melhores filmes e os melhores artistas já têm quem os distinga e premeie em Portugal

As listas de candidatos que a seguir publicamos foram elaboradas pelo Júri de Admissão do concurso, composto, como no ano passado, por redactores de «Animatógrafo». Os filmes e artistas candidatados foram seleccionados entre os apresentados em Lisboa durante o ano de 1941.

Estas listas estão ainda sujeitas a aditamentos e correcções.

Os filmes

«A BATALHA DE TRAFALGAR»
(That Hamilton Woman)

«A CARROÇA FANTASMA»
(La Charrette Fantôme)

«A CIDADE TURBULENTA»
(Destry rides again)

«A LOJA DA ESQUINA»
(The shop around the corner)

«A PASSAGEM DO NOROESTE»
(Northwest Passage)

«A PATRULHA DA ALVORADA»
(Dawn Patrol)

«AS MÃOS E A MORTE»
(Of mice and men)

«A ÚLTIMA FRONTEIRA»
(The Westerner)

«A VIDA DE EDISON»
(Edison, the Man)

«COMPRA-SE UM MARIDO»
(Come live with me)

«CORRESPONDENTE DE GUERRA»
(Foreign Correspondent)

«DESFILE DA PRIMAVERA»
(Spring Parade)

«JEZEBEL, A INSUBMISSA»
(Jezebel)

«KITTY, A RAPARIGA DA GOLA BRANCA»
(Kitty Foyle)

«LAR BENDITO»
(Heimat)

«O DIABO E MENINA»
(The Devil and Miss Jones)

«O LADRÃO DE BAGDAD»
(The Thief of Bagdad)

«O MUNDO A SEUS PÉS»
(Citizen Kane)

«O OUTRO»
(They knew what they wanted)

«ORGULHO E PRECONCEITO»
(Pride and Prejudice).

«OS 7 CAVALEIROS DA VITÓRIA»
(Northwest Mounted Police?)

«PEÇO A PALAVRA»
(Mister Smith goes to Washington)

«RAPOSA MATREIRA»
(The Little Foxes)

«REBECCA»
(Rebecca)

«ROBERT KOCH»
(Robert Koch, der Bekämpfer des todes)

«TORMENTA A BORDO»
(The Long Voyage Home)

«VIDA NOVA»
(Dodge City)

Os actores

CHARLES LAUGHTON
(Pela sua interpretação em «O Outro»)

EMIL JANNINGS
(em «Robert Koch»)

HENRY FONDA
(em «As 3 noites de Eva» — The Lady Eve — e «Jezebel, a insubmissa»)

JAMES STEWART
(em «A Cidade Turbulenta», «A Loja da Esquina», «Compra-se um marido» e «Peço a Palavra!»)

LAURENCE OLIVIER
(em «A Batalha de Trafalgar», «Orgulho e Preconceito» e «Rebecca»

MICKEY ROONEY
(em os filmes da série «Família Hardy», «O Rei da Alegria» — Strike up the band — e Tom Edison, o pequeno génio» — Young Tom Edison)

ORSON WELLES
(em «O Mundo a seus pés»)

RONALD COLMAN
(em «Carolina, a doida» — My life with Caroline — «Luz que se apaga — The Light that failed — e «Sorte Grande» — Lucky Partners)

SPENCER TRACY
(em «A Passagem do Noroeste» e «A Vida de Edison»)

As actrizes

BETTE DAVIS
(Pela sua interpretação em «Jezebel», a insubmissa» e em «Raposa Matreira»)

BETTY FIELD
(em «As Mãos e a Morte» e «Fugidos do Mundo» — Victory)

CAROLE LOMBARD
(em «O Outro»)

GINGER ROGERS
(em «Kitty, a rapariga da gola branca»)

GREER GARSON
(em «Orgulho e Preconceito»)

JEAN ARTHUR
(em «O Diabo e a Menina»)

JOAN FONTAINE
(em «Rebecca»)

MARGARET SULLAVAN
(em «A Loja da esquina»)



A TAÇA DO ANIMATÓGRAFO 1940 executada nas oficinas de «Pratas de Arte» segundo um desenho do pintor António Soares, foi atribuída ao filme «O Monte dos Vendavais»

PAULA WESSELY
(em «Tôda a vida» — Ein Leben lang)

VIVIEN LEIGH
(em «A Batalha de Trafalgar»)

Nos próximos números, até à atribuição da Taça e das Medalhas, relembraremos a mecânica da votação, os nomes dos membros dos júris, etc.

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS

A mulher portuguesa E O CINEMA

Há um filme ou uma novela, ou uma novela e um filme, filme que nunca vi, ou novela que nunca li, com êste título sugestivo e intrigante: «Os homens preferem as loiras».

Não sei com que autoridade ou argumentos, enrêdo ou divagação, observação ou estudo, defende, impõe, o autor da novela ou filme, a decisiva consagração das loiras, nas preferências dos homens, sem que um inquérito, um plebiscito, um vasto e categórico movimento da humanidade masculina tivesse percorrido a Terra, bramindo ou enchendo urnas, proclamando ou elegendo, afirmando, enfim, pela esmagadora maioria de votos, ou pela invencível agitação das multidões arrebatadas, a viva, a evidente predilecção dos homens pelos cabelos doirados ou côr de estrigas de milho, pelos olhos azuis, pelas peles rosadas...

Hoje, de resto, parece um tanto pueril qualquer discussão ou preferência a êste respeito, porque todos nós conhecemos loiras que já foram trigueiras, trigueiras que já foram loiras, e quási conseguem, até, mudar a côr aos olhos...

E lembro-me, a propósito, das mais inúteis conversas da mocidade, acêrca de tipos de mulheres, e dum velho amigo que, depois de cada um ter defendido e feito o elogio do seu tipo de gorda ou magra, alta ou baixa, loira ou trigueira, rematava, judiciosamente: «Eu, gosto de tôdas as mulheres bonitas...».

O português que ainda, até nos grandes meios, é um pouco provinciano, em reminiscências do canto bisbilhoteiro e maldizente da botica sertaneja, parando a certas esquinas e portas de lojas, nas horas ociosas, observando e comentando, fazendo crítica fácil e fácil maledicência, tem estabelecido, muitas vezes, o princípio de que Portugal não é terra de mulheres bonitas.

Mas se o mesmo português atravessa o Rossio, pára na Rua do Ouro ou sobe a Avenida, reparando indiscretamente nas senhoras estrangeiras que encontra, diz ao primeiro amigo com quem conversa como achou extraordinário que não tenha visto, entre tôdas essas senhoras, uma só que fôsse indiscutivelmente bonita.

Encontrando-nos, porém, na presença do frequentador de cinema, é mais que certo termos nêle um admirador incondicional da formosura estranha, das «estrêlas» americanas, alemãs ou francesas, não perdendo a ocasião de dizer: «disto não temos nós cá».

Pois não; não temos formosuras francesas, alemãs ou americanas...

É preciso notar que cada um de nós habitua-se a achar banais as coisas mais belas, ou a ser exigente a respeito delas, só porque as vemos todos os dias. E achamos superior qualquer banalidade estranha ou qualquer elegância alheia, só porque é uma surprêsa para nós.

Ora Portugal tem, como os outros países, mulheres bonitas, graciosas e fotogénicas, e não é preciso ir à procura delas, para as encontrar, como quem faz descobrimentos, porque podemos surpreendê-las a cada instante, nas ruas das cidades e nas aldeias, na loja de modas, na casa de chá e trabalhando nos campos, nas suas estilizações e requintes de bom gôsto e na sua expontaneidade franca, risonha e cheia de saúde e viço.

Do norte ao sul de Portugal, variando sensivelmente, como as paisagens, os costumes, as condições de vida, os climas os ambientes, encontraremos, nos recatos da sua intimidade, ou na agitação das suas sortidas exteriores, os mais diferentes e característicos tipos de mulher, com a essência de graças femininas, que é por natureza universal, e as particularidades reveladoras de inconfundível personalidade sentimental e de espírito.

As nossas províncias, estão cheinhas de mulheres formosas, loiras e trigueiras, mulheres de tôdas as classes e condições.

E sabem sorrir e chorar, e têm os seus caprichos e as suas renúncias heróicas, e cantam, e sofrem, e gostam e desgostam, e amam, e vivem, com o seu encanto peculiar e original.

Sendo assim, porque teimamos em considerar a mulher portuguesa dificilmente adaptável às interpretações de cinema, interpretações de si própria, no seu próprio estilo?!

Essa possibilidade está, de resto, verificada em todos os filmes portugueses, a que podem apontar-se deficiências, mas em que não falta a graça, a vivacidade, a fantasia, a emoção, o coração e o espírito da mulher portuguesa.

Também vai longe o tempo em que Eça de Queiroz, em «As Farpas», nos descrevia, com a sua superior e finíssima ironia, o tipo geral da *menina solteira* de Lisboa, com estas palavras desgostosas e desgostantes: «É um ser magrito, pálido, metido dentro de um vestido de grande *puff*, com um penteado laborioso e espêsso, e movendo os passinhos numa tal fadiga que mal se compreende como poderá jámais chegar ao alto do Chiado e da vida.

O primeiro sinal saliente é a anemia. A palidez, as olheiras, o peito deprimido, o ar murcho — revelam um ser devastado por apetites e sensibilidades mórbidas. Ora, entre nós, as raparigas não têm saúde. Magrinhas, enfesadas, sem sangue, sem carne, sem fôrça vital — umas padecem de nervos, outras de estômago, outras do peito e tôdas da clorose que ataca os sêres privados de sol.

Em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janelas fechadas; ou percorrendo num passinho derreado a Baixa e a sua poesia.

Depois, não fazem exercício».

Nem já, talvez, as ruas da Baixa se lembrem dessas figurinhas pálidas, anémicas, hesitantes, sem iniciativa e sem graça, ao verem passar, caminhando com firmeza, marchando com passos seguros e sem cansaço até ao alto do Chiado e da vida, as raparigas de hoje, desenvoltas, activas, olhando desassombradamente as pessoas e as circunstâncias, com desembaraço e com saúde. Estas raparigas, contrariando, decerto, as suas avós, que o Eça conheceu meninas solteiras, usam muito pouco o chapéu, erguem a cabeça, com os cabelos cortados e sôltos, deixando os ombros no seu lugar, fazem da firmeza das suas atitudes, do relêvo dos

(Conclui na 6.ª página)



— *Ó mamã, não esteja tão impressionada. Isto é apenas uma fita de actualidades.*

(Desenho de HUFFINE)

O CINEMA NO MUNDO

Eu não os ensino a representar!

por **FRANK CAPRA**

(De «PRIMER PLANO» — *MADRID*)

Certo dia, durante as filmagens de *Não o levarás contigo*, Lionel Barrymore interrompeu os ensaios referentes à cena que íamos rodar para me preguntar como e que eu queria que êle interpretasse a cena em questão. Suponho que nunca ninguem me viu com cara tão assombrada.

— Como? — retorqui. Tu tens todo o aspecto e maneira dum avô. Foi essa a razão que me levou a contratar-te, para o papel que tens que viver na tela. Nem eu, nem ninguém poderá dizer-te como é que deves proceder na presente circunstância!

Se se lembram do filme, não esqueceram, por certo, a magnífica interpretação de Lionel Barrymore, na figura de avô. Êle confirmou a minha teoria acêrca dos actores que trabalham nos meus filmes. Porque suponho que, se sobrecarregarmos as suas «caracterizações» com uma infinidade de gestos e truques artificiais, a verdade fica sepultada sob a avalanche dos rodriguinhos da arte de representar, em prejuízo do sôpro de vida que os deverá animar.

As pessoas que actuam nos filmes têm que ser humanas — e, acima de tudo, de carne e osso. Isto, para que possam ser compreendidas por mim, por todos os que me lêem e pelos milhões de espectadores dos cinemas do mundo inteiro. Pela minha parte, interessam-me mais as personagens e o seu carácter do que a acção «física», se bem que não despreze esta última. Um filme só convence, quando as suas personagens são verdadeiras.

Como os limos, no casco dos navios...

Procuro sempre insuflar vida nova aos meus actores, «limpá-los» bem, antes que se integrem dentro da pele das suas personagens. Dêste modo, consigo tirar-lhes a crosta dos pretenciosismos, dos gestos, expressões e «tics» que lhes ficaram de películas precedentes. Tôdas estas coisas redundam numa bagagem excessiva, numa acumulação inconsciente, que se parece com os limos que aderem aos cascos dos navios.

Tomem, como exemplo, o caso de um actor que haja tido um grande êxito no papel do general Grant. Sem se dar conta, nas suas interpretações posteriores, êle será influenciado pelos «tics» peculiares ao militar.

Uma actriz, que todos nós conhecemos — e que é excelente, fora de dúvida — fez sensação em determinado papel em que tinha que piscar os olhos, continuadamente, como se se tratasse dum «tic» nervoso. Pois durante vários filmes, que a seguir interpretou, tivemos que suportar as tremuras dos seus olhos...

Um director de filmes deve ter na sua bagagem duas qualidades indispensáveis: habilidade para domar vedetas com mau génio e um profundo conhecimento da psicologia do género humano.

Na manhã do primeiro dia de filmagem de *Meet John Doe*, alguém preguntou a Barbara Stanwyck como se sentia.

— Estou com um mêdo pavoroso — respondeu ela.

Por acaso, ouvi a resposta dela. E, instantes depois, o meu assistente explicava a Barbara — que ficou admiradíssima com o caso — que tínhamos modificado a primeira cena que ela deveria interpretar. E, assim, em vez de começar logo pela seqûência que a assustava, pela extensão e dificuldade do diálogo, resolvi dar preferência, na ordem dos trabalhos, a uma cena em que Barbara não tinha que pronunciar uma palavra e se limitava a passear lentamente ante a câmara. Procedi assim, para que ela se aclimatasse e ganhasse confiança. O truque deu um excelente resultado.

A profissão do realizador

Tenho a opinião que o director de cinema deve colocar-se sob o ponto de vista do público e da crítica, antes, durante e depois da filmagem da sua produção. Se quiser fazer um trabalho honrado e sincero, como director, tem que ser duma franqueza rude perante o seu trabalho e a sua própria pessoa. Mas, quando tiver que criticar o trabalho dos outros — sobretudo o dos actores — deve procurar alcançar o mesmo fim, embora por métodos e caminhos diferentes.

Temos que nos lembrar de que os artistas estão sempre sob uma alta tensão nervosa, em virtude da natureza do seu próprio trabalho. E que têm coração, nervos, olhos e ouvidos...

Durante as filmagens de *Não o levarás contigo*, Edward Arnold mostrou o desejo de intercalar no filme uma das suas gargalhadas típicas, essas gargalhadas que todos os espectadores conhecem de anteriores trabalhos. Na minha opinião era um êrro. Chamei-o de parte e disse-lhe:

— Eddie! Vamos deixar, para depois, essa tua famosa gargalhada. Se a soubermos «administrar» sàbiamente, ela terá cada vez mais efeito sôbre o público.

Edward Arnold concordou. Mas em várias ocasiões, no decurso das filmagens, preguntou-me:

— Vai agora?

Eu abanava, invariàvelmente, a cabeça, numa negativa discreta.

Finda a película, foi mostrada, em sessão privada, a uma plateia que manifestou o seu agrado. No «hall», mais tarde, Arnold felicitou-me e agradeceu-me «o privilégio de lhe haver proporcionado a sua actuação na película».

E só então lhe disse:

— É verdade! Tinhas-me pedido que te indicasse a altura em que deverias soltar a tua famosa gargalhada. É agora, que deves fazê-lo.

E efectivamente, Eddie riu, riu de maneira contagiosa. Assim procedi, para sair duma situação delicada.

Sou de opinião de que um director deve dominar sempre tôdas as situações. Mas êsse trabalho pode ser levado a cabo com diplomacia. E eu tenho a vaidade de que conheço, como os meus dedos, a vida íntima, a personalidade e a psicologia dos meus intérpretes. Faço o possível, dêste modo, por guiá-los, de preferência a dirigi-los. Trato de fazer com que compreendam o «porquê» das cenas e não os forçar a actuar segundo uma directriz preconcebida.

Um ditador, um psicólogo e um artista

Exijo sempre dos meus actores a maior sinceridade no seu trabalho e o maior respeito pela sua profissão. Nunca me passou pela cabeça indicar a uma vedeta qual a entonação a dar ao diálogo. Isto faz parte do seu «métier».

A obra dum realizador deve captar e ser compreendida, instantâneamente, pelas pessoas que vivem em cem nações, que falam cinqüenta idiomas diferentes e pensam, crêem e amam de formas diversas. Para a criar, um director deve reünir em si as melhores qualidades dum psicólogo, dum ditador e dum artista.

Grandeza e servidões cinematográficas

por **MARCEL L'HERBIER**

(De «LA REVUE DU CINÉMA» — *MARSELHA*)

A 3 de Março, depois de nove meses de desemprêgo total sucedendo a nove meses de desemprêgo parcial, viu-se, sôbre a porta dum estúdio parisiense, acender-se sùbitamente a palavra: Silêncio.

Recomeçava-se a rodar um filme falado.

... ...

Um tablado, alguns metros de pano as luzes da ribalta é o bastante para representar uma obra-prima. Compreende-se, por isso, que o teatro não tenha tido dificuldades em resistir à provação.

Os problemas técnicos da criação cinematográfica são, evidentemente, mais complexos.

Sê-lo-á, contudo, mais que os da Imprensa e que os da Rádio?

Contudo, através da derrocada das grandes alterações da ocupação, a Imprensa e a Rádio não deixaram de funcionar. Não é portanto nas dificuldades de maquinaria que se deve procurar a causa dêsse excepcional emperramento, em que tôda a nossa indústria, outrora a terceira da França se achou como que aniquilada.

E outro o motivo.

O filme é uma arma. A França nunca o compreendeu. Uma arma especial, de longo alcance.

A Imprensa metralha. A Rádio bombardeia. O Filme, na artilharia de Propaganda, é uma peça pesada, difícil de manejar, lenta a assestar, que projecta para casa do diabo — isto é, para o Mundo — o explosivo espiritual do mais grosso calibre.

Enquanto que a França, abstraída do actual, retirada dos negocios do globo, desprezava êsse engenho gigantesco e, apesar dos nossos protestos tornava-o subsidiário da América, a Alemanha dava mil vezes a prova que conhecia o alcance exacto do filme.

Ela sabia também que o Teatro, na mobilização moral duma nação moderna, não entra, não intervém, por assim dizer na batalha.

Mestra em estatística, ela não se esqueceu de calcular que ao fim de 400 representações triunfais, escalonadas por dezoito meses, uma boa peça não atinge, no fim de contas, mais que trezentas mil pessoas.

No mesmo tempo, um filme, graças à sua projecção simultânea no Mundo, pôde divertir, emocionar ou revolucionar milhões de homens.

E essa disparidade não está só na quantidade dos espectadores. A sua qualidade nada tem também de comum. O teatro, flecha espiritual, acerta em cheio na cabeça. O cinematógrafo, de essência física, mergulha na multidão... Um povo inteiro, sanguíneo, musculoso, primário, vibra, adere, ou defende-se em frente das imagens moventes.

Arte feita em comum para a comunidade, arte das massas; «arte da esquerda», como nós dizíamos há vinte anos, arte base do 4.° Estado profetizado por Clemenceau, a arte-tipo da revolução socialista em marcha, o cinematógrafo é incomensurável com o teatro.

Hipnotizador excepcional, agente único duma propaganda em profundidade, a única (enquanto que a Rádio não impressiona senão o ouvido, a Imprensa apenas os olhos) que violenta ao mesmo tempo os olhos e os ouvidos, e não apenas os dum leitor, dum auditor isolado, senhor de si, crítico, mas duma multidão abúlica, dum «magma» humano degradado pelo nivelamento do contrato, o filme é o único que pode, por si, levar ràpidamente, por tôda a parte, em sinais de luz e de fogo, as palavras de ordem ou de desordem, os apêlos ao acto ou à reserva, à oposição ou à solidariedade humanas.

A adaptação dos contratos de trabalho aos tempos novos, das condições técnicas da produção de filmes, do problema da exportação, a chamada imediata ao seu país dos mais ilustres desertores de «mise-en-scene» e da interpretação — eis o que se espera, ainda em vão, apesar dos ardores meritórios dos nossos recentes construtores. Eis o que deve vir amanhã se se quiser que as mais baixas servidões, as mais inevitáveis, não venham abafar, em breve, o que resta de grandeza ao cinematógrafo. E, atrás dessa grandeza, aquela que, tão penosamente, o filme francês tinha adquirido.

Não tiremos a esperança, não arrastemos no futuro tôdas essas jovens equipas de autores, de actores, de técnicos que anseiam por servir, amanhã, uma produção nova expurgada das incertezas, das trevas do passado.

Na humilde posição onde a desgraça nos coloca, que afirmações apresentar que não façam figura de provocações, que opiniões manifestas que não pareçam gabarolices, que colaboração decidir de nós próprios, de nós só, que não seja quimérica?

Limitemo-nos a crer que poderá viver com um mínimo de servidão e o máximo de grandeza uma produção europeia de filmes, na qual a França encontraria, certamente, um lugar à altura do seu mérito e do seu Destino.

Do ambiente cinematográfico nacional

por **PEDRO PABLO CHAVEZ**

(De «CINEMA» — *HAVANA*)

A União de Técnicos Cinematográficos Cubanos (U. T. C. C.) deverá realizar eleições gerais no próximo mês de Dezembro, segundo o estatui o seu regulamento e, embora não saibamos até que ponto a «massa» social está interessada no acto que se avizinha, poderemos assegurar que a luta não será renhida e que, em associações da natureza da nossa, nós chegamos onde chegam os outros.

No caso da União, é uma lástima que todos os membros dela não estejam tomados do espírito de luta necessário para lograr os saudáveis benefícios que se desprendem de agrupamentos como êste, em que a ânsia de progresso é superior à ânsia do «posto», ainda que êste — desde logo — seja desejado também com suplicante veemência.

A U. T. C. C. é uma necessidade no nosso clima cinematográfico, porque ela, conduzida com rectidão de princípios, pode ditar normas salvadoras em qualquer problema que se apresente, além de constituir prudentíssima barreira às ambições desmedidas.

O futuro da União está por escrever, e a nova direcção que substitui a actual nas suas limitadas funções, encontrará um caminho amplo e expedito para conduzir os destinos da sociedade através toda a gama de propósitos, que nenhum de nós — os directores actuais — quisemos mobilizar.

Pensem nisso, queridos companheiros, e disponham-se a dotar a união dos elementos humanos necessários ao seu melhor progresso, que é, em suma, o progresso de todos.

* * *

Em Cuba, dá-se o caso curioso de termos abundância de bons técnicos cinematográficos, sem que exista aqui a indústria artística pròpriamente dita. Isto, à simples vista, parece paradoxal; mas é assim. Os nossos técnicos esforçam-se, por via de regra, nos pequenos laboratórios comerciais, onde a luta pelo melhoramento do produto elaborado traz a conseqüência saüdável de um constante progresso na habilidade dos nossos homens.

Outros conduzem seus anseios através de benéficas leituras que, embora não criem técnicos práticos, em compensação, proporcionam aproveitáveis elementos muito úteis na arte de organizar e de solver problemas em que a elasticidade da mente é mais necessária que a destreza das mãos.

* * *

No nosso ambiente, muito poucos são os técnicos que vivem exclusivamente do seu trabalho em película virgem. Só aqueles que ocupam postos em laboratórios comerciais e de noticiário, podem descansar mais ou menos no sôldo que recebem. Os outros, cujo trabalho depende das produções de metragem que realizam, têm que viver do que podem, já que, perante a inexistência da indústria, as oportunidades são esporádicas e os emolumentos positivamente incertos.

Aliás, falar disto é um tanto ocioso. Cremo-lo assim; mas algo que neste momento não podemos dizer, move-nos a entrar nestas breves reflexões, que, por agora, só pretendem fazer notar a inegável realidade de que em Cuba há verdadeiros técnicos cinematográficos, embora eles tenham que empregar o tempo na proporção de cem por cento em actividades que respeitam a qualquer coisa, menos a fitas de celulóide.

* * *

Ao entrar nos primeiros dias do presente ano, presentimos e auguramos um período pródigo em produções cinematográficas. O ano está quási no fim e o vaticínio não se cumpriu. Apenas um *curto* musical — «Ritmos de Cuba» — foi estreado até agora, e, se é verdade que outro *curto* está em lento andamento de filmagem e que um *longo* acaba de entrar em produção, também é certo que as duas últimas fitas não podem ser estreadas antes de Janeiro, pelo que deveriam ser consideradas produções de 1942.

Não vamos dizer que o resultado de qualquer delas abrirá novos horizontes à nossa indústria; mas é muito possível que, pelo menos, estimulem a ânsia de emulação nos espíritos que só fazem algo quando vêem que outros prosperam à margem de alguma actividade.

* * *

O problema económico das fitas cubanas é algo que sòmente o Govêrno pode resolver.

Não estamos a referir-nos ao custo das películas, mas apenas ao seu rendimento depois de feitas.

Quiseramos ter a sorte de que «alguém» com capacidade executiva bastante para ditar uma medida, lesse estas notas e apanhasse o geito de fazer o seguinte:

Investigar quantas películas estrangeiras produzidas em ambientes de iniciação industrial entraram em Cuba nestes últimos anos, e pedir fraternalmente a êsses países que absorvam em igual proporção as fitas de origem cubana que se realizem durante um período determinado.

Cuba contribuiu grandemente para o progresso fílmico de outras nações, adquirindo, sem titubear tôda a sorte de *experiências* saídas dos estúdios de qualquer país irmão... e até inimigo.

¿Por que não hão de êles ajudar-nos também?

E aos que se neguem a esta justa correspondência, encerremo-lhes o nosso mercado.

Senhores governantes cubanos, isto é fácil de conseguir.

«Animatógrafo» em Hollywood

O Grande Soba

pelo nosso «Enviado Especial»

A. DE CARVALHO NUNES

HOLLYWOOD, 28 (via aérea) — *Na América, o charuto é o homem. Preferia dar, a emprestar, cinco dolares a um americano que seja senhor dum nariz por onde só saia o lamentável fumo do cigarro. Eu próprio, para não desclassificar a revista, ando sempre pendurado num dêsses signos da Fortuna, muito maiores do que os chapéus redondos que aparecem nos filmes pseudo-passados no México. Existe mesmo uma lei de trânsito para o charuto: quando duas pessoas se encontram, está estabelecido que cada qual deve colocar o ornamento à direita na bôca, de molde a dar-lhe saída por sôbre o ombro esquerdo do parceiro. Não obstante, no último aniversário do Dia da Independência houve 3.860 pessoas queimadas na cara com a ponta dos charutos.*

Isto vem a propósito de «mister» Allan Scott — o grande soba de Holywood — ter-me recebido com um sorriso quási eclipsado por um charuto de tamanho proporcionado à importância do entrevistado. Sim, porque eu, ao contrário do que o leitor malèvolamente pensa, não ando por aqui a perder (?!) o meu tempo atrás da Dorothy Lamour ou da Linda Darnell. E consegui isto, que nem o experimentadíssimo Jack Hall quis acreditar: entrevistei o Allan Scott, o rei da celuloide impressa, o soba dos sobas, o maior accionista da arte cinematográfica!

Esta expressão «accionista da Arte», talvez estranha aos vossos ouvidos, lembra-me a resposta que o impagável Jack deu quando lhe preguntei quais eram, em seu entender, para colocar um capital hipotético, as boas acções. «Aquelas que pertencem a sociedades que empreguem a sua actividade em más acções...»

Verdade seja que êle anda despeitado com a Bôlsa desde que viu sair da sua, para jamais entrar, a bagatela de dez mil dolares.

É claro que a entrevista se impunha. Não seria um «enviado especial» mas

(Conclui na 5.ª página)



O PRODUTOR EXIGENTE

— E além de imitar o vôo dos pássaros, o que é que o senhor faz mais?

O Correio de Bel Tenebroso

1460 — MARIAZINHA (*Barcelos*). — Fizeste muito bem em escrever-me. Ainda bem que venceste essa hesitação! — Graça Maria tem dezanove anos. Igrejas Caeiro, 25. — E escreve sempre que te apetecer. Gostosamente te responderei.

1461 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE (*Coimbra*). — A «tua» Shirley Temple não está retirada da tela. Não desanimes, pois. Daremos, qualquer dia, o seu retrato, em separata.

1462 — JOMALOMO (*Guimarães*). — Ginger Rogers, em regra, só envia fotos a trôco de dinheiro. Não te aconselho, porém, que formules agora o pedido, dadas as condições anormais que estamos atravessando. No entanto, aqui fica o endereço: RKO-Radio Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia.

1463 — SABU (*Chaves*). — O parceiro da Dorothy Lamour em *Feitiço do Trópico* foi Ray Milland, que pertence, de facto, ao elenco da Paramount. — Não te aconselho a que escrevas agora à Danièlle Darrieux, cujo endereço, aliás, ignoro.

1464 — EL ESTUDIANTE (*Lisboa*). — Na casa «Kodak» e «Pathé Baby» poderás obter gratuitamente catálogos completos sôbre preços das diversas máquinas de formato reduzido. — Este leitor tem à venda números manuscritos do seu jornal «O Mundo cinematográfico», ao preço de $80, cada exemplar.

1465 — DR. CYCLOPSE (*Senhora da Hora*) — *O novo amor de Andy Hardy* é, na minha opinião, o melhor filme da série da «Família Hardy». — A *trucagem* de *O Dr. Cyclopse* é, de facto, magnífica, e atesta, como muito bem dizes, as possibilidades do cinema, nos domínios da fantasia.

1466 — ROUXINOL CINÉFILO (*Lisboa*). — Para colaborares na «Página dos Novos» não tens que pedir autorização, mas sim, e apenas, enviar um artigo que seja digno de semelhante distinção. — Bing Crosby: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Não me parece o momento asado para solicitares essa foto.

1467 — IMPERATRIZ DA FARRA (*Pôrto*). — A julgar pelo pseudónimo, tens costela de brasileira. — Começo por te dizer que muito gostei de saber que há muito ansiavas por me escrever, e só te não perdôo, que o não hajas feito há mais tempo — Transmito as tuas saudações a todos os leitores da nossa revista.

1468 — DINHAMÁ (*Lisboa*). — Obrigado pela excelente foto da Lamour. Está altiva como uma Deusa da Grécia Antiga, com um ar «soberano», que lhe desconhecia... Quando converso com ela, não costuma olhar-me com tanta superioridade, — Qual o meu escritor favorito? Eça de Queiroz. Ao pé dêle, acho todos os outros pequenos! — Não desanimes com a demora das respostas. Tôdas as leitoras e leitores sentem o mesmo desconsôlo que tu, com o inevitável atrazo da correspondência. Que poderemos fazer?

1469 — DEANNÓFILO (*Pôrto*). — Tomo nota de que recebeste uma foto da Judy Garland, 71 dias depois de lhe haveres escrito, a solicitá-la, e que acompanhaste o pedido de envio de 10 cents, em selos americanos. — A Deanna Durbin está a provar a verdade da afirmação feita pelo seu professor de canto: continua a trabalhar! O casamento não prejudicou a sua carreira.

1470 — MÁRIO F. ROSÁRIO (*Lisboa*). — Para ingressares nas hostes da presente secção, basta escrever-me uma carta. Ficas, implìcitamente, com direito à resposta. — Para obteres a foto da Dorothy o melhor é solicitá-la, directamente. Escreve-lhe, em português, para a Paramount Studios, Hollywood, Califórnia, e envia, dentro da carta um sêlo de 10 cents, se quiseres ter a certeza de que ela te responderá.

1471 — ESTRÊLA DE ALVA (*Lisboa*). — Acho êste teu pseudónimo, como dizes, «muito mais poético» que o precedente... — Pelo que me contas, tens visto bons filmes. *Um milhão de anos antes de Cristo* também me desiludiu. O filme não só prova que, nesse tempo já havia amor, como ainda que as mulheres não ignoravam artifícios de «maquillage» de 1941. — Transmito as tuas saudações a *Pinnochia, Dinhamá, Garota de Lisboa* e *Donnanfer.*

1472 — JOSÉ AMARO. — Na Papelaria da Moda, na Tabacaria do Camões, há à venda, postais de artistas de cinema. Deves procurar obter, aí, as fotos que te interessam. A papelaria do Camões tem uma grande colecção.

1473 — JUDY GARLAND N.º 2. — Hello, Judy! — Anna Neagle está actualmente em Inglaterra. Ignoro o seu endereço. — Paul Muni: Warner-First Studios, Burbank, Califórnia. — Mickey, Judy e Shirley vão aparecer em *Babes on Broadway*. — Transmito as tuas saudações a *Zé Fernandes, Ricardo, coração de Elefante* e *Jesse James.*

1474 — LEVADO DA BRECA (*Lisboa*). — Fico ciente de que continuas cada vez mais zangada comigo. O que, deixa-me dizer-te não me aflige muito, por que sei distinguir quando êsses palavras vêm da bôca e do coração... — Achei lindo o teu sonho e evocado com excepcional poder descritivo... — Selznick manifestou, em tempos, a intenção de filmar *Joana d'Arc*, em tecnicolor. Mas nunca mais tornou a expor semelhante projecto. — Não me consta que a Lisboa-Filme tencione, por agora, produzir um novo filme de grande metragem. Quanto à mãe de Patrícia Morrison, nada sei... Apenas que a devemos bendizer por haver dado ao mundo uma filha tão bela e tão graciosa.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» R. do Alecrim, 65 — Lisboa

1475 — CINEMÓFILO (*Lisboa*). — *Animatógrafo* dá sempre conta dos resultados das votações, referentes a filmes e artistas, que se fazem pelo mundo fora. — Não tenho bem presente a cena de *A Grande Ilusão* a que te referes. Impossível, por isso esclarecer-te, muito embora vá tentar informar-me do facto que estranhaste.

1476 — SR. GRILO (*Lisboa*). — Podes escrever à Joan Fontaine para a R. K. O.-Radio Picture, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Quanto aos outros assuntos da tua carta, relacionados com o aspecto gráfico da nossa revista, infelizmente já perderam a oportunidade.

1477 — CALOIRO CINÉFILO (*Coimbra*). — O facto de não haver «referendum» para a publicação das separatas dos artistas, cujas fotos Vv. mais desejam, não impede que sempre que me escrevam, ou, num simples postal dirigido ao Director do «Animatógrafo», solicitem a inserção das fotos dos vossos favoritos. Estejam certos de que os pedidos serão tomados na devida conta. — A meu ver, *A Idade das Ilusões*, com o seu conflitosinho tão humano e «hors-série», não deve considerar-se o pior filme da Deanna Durbin. Na minha opinião, *Data Memorável* é o mais fraco. — Não estou de acôrdo contigo, quando consideras a Greta Garbo, a Bette Davis, a Louise Rainer, a Carol Lombard e a Ginger Rogers como as cinco melhores vedetas femininas da tela. A Garbo, a Bette e a Ginger podem figurar, indiscutìvelmente, no número das cinco. Mas as outras duas, não!

1478 — GULLIVER. — (*Lisboa*). — Sê bem aparecido, amigo. — *Gone with the wind* não será apresentado em Portugal, antes de terminada a guerra. Se fôres capaz de me dizer quando é que esta acaba, talvez te possa dar algumas informações sôbre a data provável da estreia... — Ingrid Bergmann é a protagonista de *Tempestade*, filme cuja exibição está marcada para o corrente ano. — Suponho que *Ala, Arriba!* nos dará, de facto, um filme de excepcional interêsse sob o ponto de vista documental dos costumes e vida dos poveiros, que me dizes conhecer de perto. — No cinema português há deslises, iguaisinhos aos do cinema estrangeiro. Porque não os notas nos filmes ingleses e americanos? Por variadas razões, entre as quais as de conheceres muito melhor os assuntos versados nas produções nacionais.

1479 — CAVALEIRO DE RAGASTENS (*Lamego*). — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pelo jornalismo, e, em especial, pelo jornalismo cinematográfico. Admito, que um dia te conte no número dos meus colegas. Eu, e muitos outros, começámos como tu poderás começar... — Gostaria bem de possuir um exemplar do livro que me falas da autoria de J. Castilho. Poderás dizer-me onde se vende, ou qual foi a casa editora? — Quási tôdas as vedetas portuguesas que enviam fotos o fazem, graciosamente. Simplesmente, nem tôdas ligam a importância que seria de desejar ao interêsse que os cinéfilos portugueses têm por elas.

1480 — TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO (*Pôrto*). — Estás apresentado, leitor amigo. O teu pseudónimo não me parece mal. Mas porque não adoptas, de preferência, nomes portugueses?! — Escreve à Betty Grable para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — O Warner Baxter, excelente actor, mas não da minha simpatia, tem andado, de facto, um pouco arredio das nossas telas.

1481 — MARIA DO MONTE (*Adaúfe*). — Ora aqui está um pseudónimo cem por cento lusíada! Gostei muito de ler a tua carta, *Maria do Monte*. Praza a Deus, que hajas tido a pachorra de esperar pela resposta, e que a encontres agora, tantos meses volvidos sôbre a data em que me escreveste! — Tenho pena de não conhecer a tua aldeiasinha minhota. Um dia será, pela certa, quando o acaso duma viagem o proporcionar. — Todos nós, redactores de *Animatógrafo* agradecemos as tuas boas palavras amigas!

1482 — SERRANA DOS OLHOS NEGROS (*Viseu*). — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas leitoras, tanto mais que o retrato que de ti fazes é extraordinàriamente simpático. Fica pois assente que me escreverás quantas vezes quiseres, desde que tenhas paciência e não desanimes com a demora das respostas.

1483 — DUARTE MARVEL (*Pôrto*). — De todos os pseudónimos que citas prefiro êste. E não deixa de ter a sua graça ser o teu nome estropiado pela Ginger Rogers, ou pela secretária da famosa artista. De facto, lá pela América elas não conhecem «Manuel», mas sim «marvel», que é uma marca de cigarros... — Fiquei babadinho com o tratamento que me dás! «Pérola dos carteiros»! Que mimo!... O que vale é que nem tôdas as leitoras assim me consideram, pois, de vez em quando, é cada descompostura... E isso me impediu de pôr em prática uma iniciativa que me renderia honorários chorudos! Com efeito, eu tinha pensado ir entregar a cada um de vocês, neste fim de ano, um cartão que rezasse assim: «Bel Tenebroso, carteiro desta área cinéfila ,deseja muito Boas-Festas a V. Ex.ª e a tôda a Ex.ᵐᵃ família!... mas, como te digo, desisti... E o pior é que já tinha comprado um trajo de «carteiro desta área», com trompa doirada no boné e ampla capa de conspirador, para me proteger do rigor das intempéries. Para o ano será...

1484 — DR. CICLOPE II (*Pôrto*). — Tenho muito prazer em acolher-te nestas colunas. Como, porém, há outro leitor que adoptou para pseudónimo o nome do técnicolorido médico que, em plena selva, se entretinha a reduzir a 30 centímetros de altura os mortais que lhe caíam nas mãos, peço-te o favor de escolheres outro pseudónimo, para evitar confusões. — Helen Gilbert: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1485 — PERNAMBUCANO SONHADOR (*Coimbra*). — *Lôbos da Serra* está pronto. A sua estreia efectuar-se-á dentro em breve. — Ann Sheridan tem vinte e quatro anos.

1486 — MARIA DA SAUDADE. — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas consulentes. — Noto que invejas a Dorothy Lamour por causa... do Ray Milland. Como o mundo está cheio de contradições, eu invejo o Ray por causa da Dorothy. Não sou a pessoa mais indicada para te dar notícias frescas da «Dothy» A meu ver, deverás dirigir-te de preferência ao Greg Bautzer. Porque embora ela prefira o Ray na tela, opta pelo Greg na vida real... se quisesse fazer um trocadilho barato, dir-te-ia que ela gosta de se ver «Greg...a»... — Transmito as tuas saudações a *Benjamina* e *Maria Cotovia.*

1487 — MELITÁ (*Lisboa*). — Tive muito prazer em ler a sua carta. Há muito que não aparecia nenhuma, na montanha que se acumula na minha mesa. — Vejo que continua a ser uma fiel freqüentadora dos nossos cinemas, e que vai vendo bons filmes. Nos perturbados tempos que vão correndo, não há distracção que se compare com aquela que a tela nos proporciona. Dir-se-ia que o cinema nos transporta aos bons tempos em que a Paz reinava sôbre os Homens. — Peço-lhe que vá escrevendo sempre e que não interprete a demora das respostas doutra forma que não seja aquela que a justifica: mais de 1.500 cartas (juro-lhe que não engano!) que aguardam a sua vez!

1488 — SEMPRE AS DUAS (*Lisboa*). — James Stewart é um actor excepcional! Tanto na *Cidade Turbulenta*, como em *Peço a Palavra, Compra-se um marido*, as suas criações impõem-se sob todos os aspectos! Por mim, penso que o James Stewart que a tela nos revela é a imagem gémea do actor, na sua vida real. — Neste momento, *O Ladrão de Bagdad, O Rei da Alegria* e *Desfile da Primavera* são os filmes que mais vos recomendo!

1489 — ROSINHA DE TOCAR (*Coimbra*). — A experiência, pelo visto, já te ensinou que nunca deves desesperar, ante a demora das respostas. Tarde, sim, mas aparecem sempre. — Tive pena de ti, ao saber a dificuldade com que lutas, para ler a nossa revista. — Não deve ser verdadeira a notícia de que a Metro pensa fazer uma nova versão de *Rose Marie*, demais com o Nelson Eddy e a Jeannette Macdonald. A versão cinematográfica da célebre opereta tem, quando muito, seis anos...

Bel-Tenebroso

BEL-TENEBROSO TEM 1.453 CARTAS PARA RESPONDER

ANTOLOGIA

Algumas afirmações definitivas de **Louis Delluc** (1923)

Aqueles para quem o Cinema é alguma coisa mais que um passatempo sem conseqüências não podem ignorar o nome de Louis Delluc, o primeiro escritor que viu — ou, melhor: adivinhou — todo o alcance da arte das imagens. Falecido em 1923, depois de ter dado ao Cinema algumas das suas melhores páginas, quer no papel, quer no celuloide (pois Delluc foi o autor dessas quatro pequenas obras-primas que se intitulam La Fête Espagnole, Le Silence, Fièvre *e* La Femme de Nulle Part), *o autor de* Cinema & C.ª *deixou à gente dos filmes um verdadeiro tesouro por herança: a visão mais límpida e segura do espectáculo cinematográfico, tal como êle o concebia e explicava, e que, embora Delluc se limitasse à «arte do silêncio», se mantém intacta através de todos os progressos da sonoridade.*

Para o provar, basta ter estas afirmações definitivas, extraídas do prefácio do seu livro Drames de Cinéma *(Aux Editions du Monde Nouveau, Paris, 1923), com que «Animatógrafo» tem a honra de inaugurar a sua Antologia.*

Actualmente, a única maneira de ver a sua ideia realizada é possuir a fortuna suficiente ou os banqueiros bastante inteligentes para custearem as despesas.

Isso não é portanto impossível, e os escritores de *movies* fariam mal em perder a coragem.

Pensem nos compositores, cujas obras de juventude foram tocadas quando êles tinham cinqüenta anos. No cinema, os velhos não têm o lugar que lhes consente o teatro e a ópera. O cinema é para os espíritos jovens. Tudo o que não é jovem não lhe assenta bem.

★

Uma obra escrita para o cinema não se compara nada, ó gentes, com o librete que anima ou esmaga o compositor. Nem tão pouco com o argumento sôbre o qual devaneiam o mestre de dança ou o mimo. O drama de cinema existe por si mesmo. Se o seu «imaginário» lhe cortar uma linha ou o ilustrar com inexactidão, demonstrará ser tão tôlo como os actores que mutilam o texto dos seus papéis.

Em verdade, aquele que escreveu um drama para o cinema deve realizá-lo êle próprio. A sua concepção propositada, inteligente e precisa, nada vale nas mãos dos imbecis, quero dizer da maioria dos filmadores. Se êle vai parar às mãos dum dos seus iguais, êsse mesmo adaptar-se-á mal à execução rigorosa duma obra que não é sua: o recém-chegado procurará ao lado, fora, acima da coisa. O resultado será um mal-entendido.

A maioria dos autores de dramas cinegráficos hesita em os filmar por suas mãos. Uma curta mas áspera experiência permite-me afirmar-lhes que fazem mal. Primeiro, porque, conforme acabo de dizer, há poucas probabilidades de que os seus *tradutores* os compreendam. Depois, porque o facto de ter pensado e sentido uma composição visual é o mais seguro garante de que saberão executá-la.

★

É preciso compreender que a técnica de realização dum filme é muito simples, mesmo para o aprendiz. Só precisa de duas coisas: 1.º *Saber* o que vê ou o que deve ver. 2.º *Trabalhar* num estúdio e com uma aparelhagem absolutamente eficaz. Isto é talvez mais raro do que aquilo.

Experimentem.

★

É curioso o facto dos países onde o cinema é realmente tomado a sério produzirem tão poucos dramas concebidos cinematogràficamente.

Os argumentos americanos originais são bastante mediocres, à excepção dos de Chaplin, mas êsses não são senão monólogos saídos duma forte e flexível personalidade, e concebidos às dimensões do talento.

Em França, apesar das belas invenções dramáticas de Abel Gance, de Marcel L'Herbier, de Léon Poirier e de alguns mais, a desconfiança dos produtores é cada vez maior em relação a tudo o que não é adaptado. Não têm razão.

Os produtores não o sabem. Julgam suficiente anunciar: *«Isto é adaptado de qualquer coisa»* para atrair a multidão. Erro que lhes há de sair caro...

Não se trata de renunciar às adaptações. Mas é inadmissível que êste país (¹), que renuncia tão alegremente à criação dos seus jovens talentos, aceite realizações mediocres onde não se reconhecem nem o sabor do romance, nem a personalidade da raça.

Adaptem, está muito bem; mas comecem por saber que isso é muito difícil.

★

Há de haver, brevemente, belos «dramas de cinema».

★

Mas haverá mais alguma coisa. Hão de ver-se sempre obras medíocres, ou estúpidas, ou abjectas, e será justo, humanamente justo, que elas ganhem dinheiro.

★

Mas os romances mais idiotas sendo os mais difíceis de adaptar serão geralmente confiados aos cineastas mais nulos.

(Conclui na 5.ª página)

Missão dum jornal

(Conclusão da 1.ª página)

res pessoas, — muito mais anjinhos. Não fazemos nada disso. Nem damos sorte, que não a temos, nem fazemos greve, que é proïbido, nem letreiro, que pouca gente sabe ler e a que sabe não acredita. Casa Branca não temos, graças a Deus. Na Casa que cá existe, quem lá mora tem tido até aqui muito mais que fazer. E quando chegar a altura do Cinema — que há-de chegar! — tudo resolverá como só quem lá mora sabe fazê-lo: com equilíbrio, com honestidade, com justiça. Até lá, só nos resta ir cumprindo teimosamente a nossa missão de jornalistas — a missão do «Animatógrafo».

E agora que êle é mais «jornal» que nunca foi, no corpo e no espírito, quebradas as últimas barreiras da tolerância, da transigência, da paciência, apetece-nos berrar como o «djeni» do «Ladrão de Bagdad» quando o sabre cai na arara de destapar a rôlha da garrafa:

— «I'm free!... I'm free!...»

Aqui, é a altura da gargalhada. E como ainda não se descobriu outro processo de grafar uma coisa que nos parece imprescindível, ela aí fica para a posteridade:

—Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

P. S. — Damos um dôce ao espertalhão que nos meter outra vez dentro da garrafa.

A FEIRA DAS FITAS

O Rei da Alegria

«Strike up the Band»

Mickey Rooney é o actor já consagrado de há muito não só pelo seu extraordinário dinamismo e poder de comunicação, como também pelas suas variadas aptidões, sempre realizadas de maneira feliz. Já o tínhamos visto interpretar comédia em todos os ritmos; já assistíramos ao seu domínio das platéias em cenas dramáticas de tôdas as gamas, já o aplaudíramos como bailarino, como cantor e como «clown». Faltava que víssemos na tela os seus talentos de executante musical e foi principalmente para isso que os produtores americanos nos deram, agora, «Strike up the Band» (O Rei da Alegria).

Sabíamos já, que Mickey, rapaz bafejado pelo talento e pela fortuna, consagrava as horas de descanso, entre os trabalhos árduos do estúdio, às «canseiras» da música de «jazz», por ser esta, talvez, a sua maior paixão. Não calculávamos, porém, que os treinos e estudos à volta da «caseira bateria» conduzissem a resultados de tanto valor. Os apreciadores do género têm oportunidade de ver executar alguns solos de «bateria» que não envergonhariam os profissionais especialistas americanos.

Afora esta nova manifestação da sua personalidade o trabalho de Mickey, neste filme, nada adianta aos seus créditos de alto consagrado: continua a ser grande actor, a dominar todos os segrêdos da sua arte e a comunicar com o público de maneira assombrosa. Mas nem sempre em o «Rei da Alegria» o material com que Mickey Rooney trabalha foi do melhor.

Apesar disso, valc..izou algumas cenas grandemente com poderoso génio de comediante e, dentre essas, não queremos deixar de salientar a saída de casa dos Morgan, quando sabe que a sua orquestra pode ir ao concurso das bandas escolares em Chicago.

É exactamente êste concurso que serve de pretexto para movimentar tôda a história e apresentar, como atracção, a orquestra de Paul Whiteman — atracção que serve principalmente para matar saüdades dum velho conhecimento cinéfilo que vem dos tempos do «Rei do Jazz». Quanto à história é conduzida com as maiores arbitrariedades e as estafadas situações do «rodriguinho colegial» do menino que partiu o braço e dos amigos que dão o dinheiro que tinham junto para a sua ida ao concurso. E o «papá» rico faz o gesto esperado de cobrir as despesas. E a «mamã» do menino prodígio — que só representa cenas cheias de cabotinismo — faz uma despedida lancinante em que fala, como sempre, do pai médico que já faleceu e gostava muito que o filho seguisse «a sua carreira». O rapaz ganha o concurso — claro — e fala à mãe que junto da T. S. F., em transe dramático ouve o filho falar vitorioso e fica tôda a tremer.

Busby Berkeley, velho especialista de encenações musicais — realizou esta fita que, na verdade, é boa sempre que é musical e chega mesmo a ser óptima durante a «Conga», momento máximo do filme, feliz pelo ritmo, pela interpretação endiabrada de Mickey e Judy Garland e pela «escola» da realização. Todavia Busby Berkeley fraqueja sempre que a acção do filme deixa de ser musical — e grandes responsabilidades lhe cabem na maneira como carregou de pirismo dramático, da pior qualidade, umas tantas cenas da fita, muito especilmente aquela conversa entre mãe e filho sôbre a carreira que êste seguirá.

Tôda a parte musical do filme apadrinhada pela famosa marcha «Strike up the Band» que o nunca esquecido Geo Gershwin escreveu, é de boa qualidade. Roger Edens, seu principal autor, merece parabéns principalmente pela canção de Judy Garland na biblioteca. Esta actriz, pela naturalidade com que representa e pela maneira colossal como canta, e June Preisser pela sua insinuante presença e sentido de interpretação, merecem os melhores aplausos.

A pureza e a riqueza do registo de som justificam largamente o 1.º prémio que lhe foi conferido pela Academia de Hollywood. — F. G.

Carolina, a doida

(My life with Caroline)

À primeira vista dir-se-á que Hollywood anda ùltimamente com a preocupação de encontrar processos originais, novos, diferentes, de *contar histórias*. *Kitty Foyle*, «O Mundo a seus pés», «Os amores de Joaninha», e agora *My life with Caroline* são outros tantos sintomas dessa ânsia de novidade. Mas se repararmos nesses quatro exemplos, verificamos que pertencem todos à mesma firma produtora — o que nos levará a concluir que é essa emprêsa, e não todo Hollywood, que está atacada pela doença da originalidade. A verdade, porém, é que o fenómeno tem de facto carácter geral (note-se o indício de «As 3 noites de Eva»), embora se manifeste por forma mais aguda em determinado estúdio.

O argumento de *My life with Caroline* baseia-se numa peça de Louis Verneuil e Georges Berr, comediógrafos parisienses de essência medularmente *boulevardière*. Verifica-se, no entanto, que a origem do argumento aparece remotamente no filme; apenas transparece quási no recorte das personagens e da intriga, cujo temperamento nada tem de americano (foi por isso errado localizar a acção nos Estados Unidos). John Van Druten e Arnold Belgard compuseram o argumento com notável habilidade. A ideia dos comentários para o público, por parte do protagonista, é felicíssima, e tôda a planificação pode considerar-se excelente.

Pena foi que êsses méritos não assentem sôbre matéria mais consistente e mais sã do que a inventada pelos referidos dramaturgos franceses. As personagens têm tôdas bastante «feitio», especialmente a do marido, a da mulher e a do sogro — «feitio» êsse assás fantasista, como requeria o tom geral da comédia.

A encenação foi dirigida por Lewis Milestone. Todo o jôgo dos intérpretes, bem como o trabalho das filmagens, foram orientados com aquela subtileza e aquele sentido do «tempo» que já distinguiam a sua outra comédia exibida há meses: «Sorte Grande», filme que está, além disso, bastante próximo dêste pelo facto de ser baseado também numa comédia parisiense de *boulevard* (*Bonne Chance*, de Sacha Guitry), e de ser também interpretado por Ronald Colman.

Nicolai Remisof desenhou para o filme os cenários complicados e extravagantes que o espírito do argumento requeria. Excelente a fotografia de Victor Milner e muito acertado e intencional o comentário musical de Werner Heymann.

«Carolina», «Carolina, a doida» foi personificada por uma artista do teatro inglês que entrou com êste papel no firmamento cinematográfico universal: Anna Lee. Trata-se de uma loirinha muito graciosa, com verdadeiro temperamento de actriz e com um ar muito «inglês» — nas atitudes, na pronúncia, na maneira de falar. Como sucede o mesmo com Ronald Colman, a «nacionalidade» americana das personagens e da história não tem qualquer credibilidade. Colman houve-se com a distinção e a correcção impecáveis de sempre. Se mais não brilha é porque o papel mais não permite.

Charles Winninger tem também pouco que fazer, mas o que faz tem a sua inconfundível marca. Reginald Gardiner (o escultor Paul Martingale) desempenha-se satisfatòriamente da sua obrigação; mas não pôde mostrar os seus dotes de pasmoso fantasista que lhe permitiram notabilizar-se (no polícia e no mordomo melómanos de «Nasceu para dançar» e de «Uma donzela em perigo»). Gilbert Roland, famoso galã doutros tempos, faz um pequeno papel (Paço del Valle) tão bem como seria para desejar — e Matt Moore, que já foi célebre e de quem quási ninguém se lembrará hoje, aparece numa minúscula rábula (Walters). — D. M.

Desfile da Primavera

(Spring Parade)

A situação mais usada no cinema, mais gasta, mais universal, mas sempre renovada, porque é a mais romântica de tôdas, é a da Gata Borralheira. Temo-la conhecido em diversos filmes com «molhos» de comédia, de drama ou, simplesmente, do tipo «conto de fadas», sempre ingénuo e sentimental.

Êste novo filme de Deanna Durbin pertence a êsse último género, muito bem dirigido e muito bem musicado, mas abaixo da maioria das suas películas. Para os admiradores dessa jovem artista, que iniciou feliz carreira no cinema pela mão de Henry Koster, o filme terá ainda um ponto fraco: a ausência de músicas «puxadas à sustância», coisas com cheiro de ópera, tão adoradas pelos amantes do «bel-canto». Deanna canta duas valsas apenas e uma cançoneta no velho estilo — «It's silly, but its fun» — que nenhum esfôrço vocal exige.

Quanto ao filme pròpriamente dito, há que acentuar a sua comicidade permanente e irresistível. Desde as primeiras cenas até o epílogo, o espectador ri, gostosamente, com as tropelias de Deanna Durbin e dos seus companheiros. O episódio da dança da «czarda», com Mischa Auer (cujo papel lamentamos ser tão curto) constitui divertidíssimo achado cómico, que se prolonga no resto da fita, especialmente na cena da dança no «bar» com aquela imprevista mudança de ritmo...

Do desempenho, depois de Deanna, há que falar de Szöke Szakall, aquele excelente actor húngaro que vimos tantas vezes nos filmes alemães, em especial nos de Franciska Gaal. É êle quem se impõe no filme, depois da jovem pupila de Andrés de Segurola. Robert Cummings volta, de novo, a contracenar com ela, mas pouco ou nada tem que fazer, pois não lhe deram mais de duas ou três cenas. Não esqueceremos, ainda, os dois garotos Butch e Buddy, e o actor Allyn Joslin — que surge na figura de um conde ridículo, semelhante àquele caixeiro que Joseph Schildkraut fez em «A Loja da Esquina».

Não queremos terminar estas notas sôbre o novo filme de Deanna Durbin, todo recheiado das lindas valsas dos Strauss dos tempos felizes de Viena, sem lamentar a ruim miniatura dessa cidade à noite e a caracterização de Deanna. Chega a parecer impossível que aquele tom rebrilhante, género besuntadela de óleo, tenha saído de Hollywood... — A. F.

★

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número poderemos publicar as críticas dos filmes «O LADRÃO DE BAGDAD» e «TÔDA A VIDA».

O GRANDE SOBA

(Conclusão da 3.ª página)

especialissimo se não conseguisse arrancar uma entrevista durante a minha estada em Hollywood. A dificuldade estava na escolha. Diz-me quem entrevistas, dir-te-ei o que vales. Ouvir das estrêlas ou dos astros aquilo que êles decoraram nas secções de publicidade das respectivas emprêsas, não abonava os meus méritos nem acrescentaria grande coisa à cultura cinéfila do leitor.

Allan Scott era o homem indicado. Mas como acercar-me de sua excelência?

Havia, certamente, um caminho seguro: espalhar dinheiro como quem semeia batatas em zona ocupada, desde o imperial porteiro ao chefe do pessoal menor. Resolvi dispender antes imaginação, mesmo com risco de ela vir a fazer-me falta para esta carta.

A sorte foi apanhar Scott no intervalo de dois divórcios. A ofensiva incidiu sôbre o ponto mais fraco: uma loira que entrementes o perseguia, ou era perseguida, e que eu não queria encontrar à meia-noite na Azinhaga da Fonte, porque a natureza humana tem os seus limites de resistência...

Expus-lhe a minha situação de jornalista virgem de entrevistas. E a Daisy, traçando a perna (não é tal pormenor insignificante), extendeu-me como a selar o combinado, a mão que havia de abrir a porta mais hermèticamente fechada dos Estados Unidos da América do Norte.

... ...

E ali estava o grande Soba diante de mim, dispôsto a satisfazer a curiosidade de todos nós.

Para que êle não me confundisse com qualquer repórter de escândalos de Hollywood, durante perto de 10 minutos falei de Cícero e de Platão, defendi Séneca com encarniçamento, recitei-lhe versos de Longfellow como sendo de Shakespeare, e quando o vi literalmente esmagado, sentei-me na cadeira mais confortável, puxei do inevitável charuto, depus os pés, devidamente calçados, em cima da secretária e comecei: — «Mesmo sem falar no Torel, o meu amigo não fazia carreira em Lisboa» (textualmente: — «no place for your kind!»)

O homem gostou de tanta franqueza, porque pôs também os pés em cima da secretária e tentou explicar-me a razão de em Hollywood o talento estar na razão inversa da idade das artistas.

Como achei os argumentos pouco satisfatórios não os deixo aqui reproduzidos. E por associação de ideias, preguntei-lhe como êle arranjava os tais argumentos que conhecemos.

Allan Scott faz um visível esfôrço mental e esclarece-me:

— «Suponhamos que temos à nossa disposição uma rapariga bonita (começo a pensar que discorre bem), um galã e dez extras oriundos da Guatemala. Qual é o argumento!»

É a minha vez de embatucar. Por mais que cogite não me sai nada de geito.

E êle, sorrindo do meu embaraço:

— «É fácil. A rapariga é uma americana que veio até à Guatemala esquecer uma desilusão de amor. Nisto rebenta uma revolução (os extras metem mêdo, armados até aos dentes). O rapaz ingrato lê no jornal a notícia do grave acontecimento. O fogo renasce das cinzas...

Eu estou maravilhado. E o Allan a gozar o sucesso, agarra-se à frase: — «o fogo renasce das cinzas...

O herói mete-se num avião e, no momento em que o mais mal encarado dos extras avança para a rapariga com propósitos nada vegetarianos, salva-a do apuro, distribuindo uma verdadeira saraivada de socos à Joë Louis».

Rematando: — «Como vê, há aqui todos os géneros queridos do público — amor do princípio ao fim, exotismo e desporto».

Atalho: — «Com público tão dócil, não é difícil inculcar-lhe o culto pelas estrêlas...»

E êle, modesto: — «Dá trabalho, dá trabalho, mas consegue-se. O pior é quando as estrêlas se convencem que têm luz própria, e quando, de facto, têm um advogado a seu lado. O grande recurso ainda é publicar nos jornais e revistas o retrato da artista com um rancho de meninos ao lado, quanto mais crescidos melhor. Não há cinéfilo que resista».

Admiro-me da sua omnipotência, o poder de êle pôr ou tirar a gola branca à Kitty Foyle, de afirmar ou negar o talento da Louise Rainer, de abrir ou fechar a porta à Katherine Hepburn ou à Bette Davis. O grande Soba!

Já não tenho mais charutos comigo. E, para terminar, pregunto-lhe, curioso: — «Qual o futuro do Cinema!»

— «O filme que está para sair...»

... ...

Se isto não é uma entrevista eu não sou mais um «enviado especial».

A. DE CARVALHO NUNES

Louis Delluc

(Conclusão)

Mas um príncipe será, nove vezes em cada dez, interpretado por um cómico de revista ou por um *boxeur*.

★

Mas, de um dia para o outro, qualquer fúfia se baptizará «estrêla».

★

Mas os distribuïdores cortarão num segundo centenas de metros dum filme cuja montagem foi para o cineasta um minucioso quebra-cabeças, durante oito semanas.

★

Mas o cinema não é ùnicamente o albergue dos *souteneurs* em disponibilidade, dos batoteiros fugidos à polícia, dos bonecreiros, dos actores falhados ou dos filhos de família fraquinhos dos miolos.

★

Mas um dia os exibidores não hão de ter o ar de negociantes de vinho. E não de ter-se saüdades do tempo actual, porque, se já não têm o ar, não quer dizer que...

Mas quando houver *cérebros* que criem para o branco e preto, os produtores hão de ainda ter a esperteza de pedir argumentos aos ilustres autores dramáticos, aos velhos romancistas, aos académicos — àqueles que, naturalmente, não percebem nada de cinema.

(¹) N. da R. — Delluc referia-se à França, é claro.

As Três Barcas De Mestre Gil

Céu



Nesta Barca da Glória, que é o Céu, embarcarão tôdas aquelas obras ou pessoas que, por seus méritos cinematográficos, manifestados nos filmes da semana finda, alcancem tal galardão.

O colorido de Nathalie Kalmus, a fotografia de Perinal, os cenários de Vincent Korda, a maioria dos truques de Cameron Menzies e o maravilhoso conjunto de espectáculo de O LADRÃO DE BAGDAD.

★

A seqüência da «conga» e o registo de som do filme O REI DA ALEGRIA.

A memória de GEORGE GERSHWIN, invocada no mesmo filme pela sua admirável marcha «Strike up the Band».

★

A «czarda» ultra-cómica dançada por Deanna Durbin e Mischa Auer em DESFILE DA PRIMAVERA.

★

A interpretação de SZÖKE SZAKALL, no mesmo filme.

★

A notável interpretação de PAULA WESSELY em TÔDA A VIDA.

Purgatório



Na Barca do Purgatório serão expostos, para purgar suas culpas, aquelas coisas ou seres das fitas que, não merecendo os fogos do Inferno, tenham cometido qualquer pecado que lhes vede a entrada no Paraíso cinéfilo.

CAROLINA, A DOIDA — por não lhe terem chegado as pretenções a originalidade para criar alguma coisa de verdadeiramente novo. A excelente interpretação de Ronald Colman e Ana Lee e a encenação de Lewis Milestone concedem-lhe, porém, notáveis indulgências.

★

BUSBY BERKELY, pela irregularidade e incerteza da encenação de O REI DA ALEGRIA, óptima nas cenas musicais, péssima nas cenas dramáticas. As indulgências ganhas com a cena da «conga» salvam-no de embarcar na Barca do Inferno.

★

A interpretação de O LADRÃO DE BAGDAD, que só escapa à Barca infernal pelo facto dos actores não terem culpa de não chegar o orçamento para pagar a intérpretes melhores.

★

A triste idéia de Gerhard Menzel, o argumentista e planificador de TÔDA A VIDA, em incluir numa história agradabilíssima o incidente tolinho e inútil do desastre Agnes.

Inferno



À Barca do Inferno será relegado, sem quartel, com muitas chufas e pancadas do remo do Diabo, seu barqueiro, tudo o que nem com a estadia no Purgatório se poderia salvar.

A maqueta de Viena e a caracterização oleosa de Deanna Durbin em DESFILE DA PRIMAVERA.

★

O pirismo melodramático dalgumas cenas, nomeadamente dos arroubos maternais, agravados pelo cabotinismo da mamã de Mickey em O REI DA ALEGRIA.

★

A infelicidade da rapsódia final da mesma fita, com Mickey Rooney imprevistamente fardado de cadete de marinha.

★

A locução brasileira infligida ao complemento SKIADORES ALADOS, substituíndo o comentário original do insubstituível Pete Smith.

MESTRE GIL

3.ª Série / N.º 60 / Preço $50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisório, R. do Alecrim, 65, Telef. 2 9856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 4 8276 / 4 1011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Lisboa, 30 de Dezembro de 1941

PREÇO DAS ASSINATURAS

Ano .... 26$00
Semestre .... 13$00

Distribuidores exclusivos:

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — L. Trindade Coelho 9-2.º (Telf. P. B. X. 2 7507), Lisboa

A ESPANHA continua a proteger o seu cine!

A Espanha acaba de promulgar um importante diploma, com a finalidade de garantir o acesso da produção nacional às telas dos cinemas de estreia. Nele se estabelece uma cadência, que deverá reger a sucessão de filmes nacionais e de concorrência, no cartaz dos cinemas em questão.

Eis o texto do decreto, e bem assim das palavras que precedem o articulado — o qual estabelece ainda a obrigatoriedade da inclusão dum complemento espanhol, em todos os programas cinematográficos:

«Os louváveis esforços que as emprezas produtoras vêm realizando não encontram a compensação devida nos resultados práticos, pelo complexo de circunstâncias que dificultam a exploração dos nossos filmes. Afastadas essas dificuldades, é de esperar que a indústria atinja ràpidamente o grau de esplendor a que tem direito. Para êsse efeito, e decidido o Govêrno a fomentar a produção cinematográfica, no duplo aspecto de fonte de riqueza e veículo de difusão da nossa cultura, resolveu o Ministério do Comércio e Indústria, por proposta da Secretaria Geral Técnica, dispor o seguinte:

Art. 1.º: A partir de 1 de Janeiro próximo, tôdas as salas da Espanha que se dediquem à exibição cinematográfica, deverão dar, pelo menos, uma semana completa de exibição de filmes espanhóis, de grande metragem, por cada seis semanas de projecção de películas estrangeiras, da mesma categoria.

Art. 2.º — Para os efeitos da aplicação desta ordem, o ano cinematográfico dividir-se-á em dois periodos: no primeiro, que vai de 1 de Outubro a 31 de Maio, serão projectadas fitas espanholas, em rigorosa estreia, e em cada uma das salas; na segunda, que vai de 1 de Junho a 30 de Setembro, poderão reexibir-se os filmes espanhóis, que cada sala estreou anteriormente.

Art. 3.º — Independentemente do que se estabelece nos artigos anteriores, e a partir da mesma data, tôdas as salas serão obrigadas a completar o programa, de cada uma das sessões com um filme curto nacional, dos vulgarmente designados por «complementos».

Art. 4.º — A Sub-Comissão Reguladora da Cinematografia ou o organismo que tenha que assumir as suas funções será responsável pelo exacto cumprimento desta Ordem.

Madrid, 10 de Dezembro de 1941.

(a) CARCELLEZ SEGURA
Sub-secretário e secretário geral técnico do Ministério do Comércio e da Indústria

«O Batalhão perdido de Creta»

é o título do novo filme de William Wyler

A história fantasista dum batalhão britânico que prosseguiu uma luta de guerrilhas

A peça de Liliam Helman, «The Litle Foxes», foi um dos maiores êxitos do teatro americano nos últimos tempos. Mantendo-se no cartaz, em Nova York, durante um ano consecutivo, com 408 representações, o êxito da peça de que Tallulah Baukhead — figura de primeiro plano do teatro «Yankee» da actualidade, e há alguns anos intérprete de alguns filmes da Paramount — foi a criadora, continuou na «tournée» através do Continente americano durante quarenta e cinco semanas.

Dessa peça foi feita uma adaptação cinematográfica que ainda há pouco correu num dos cinemas de Lisboa. Bette Davis a intérprete cinematográfica de «Raposa Matreira» e William Wyler, o homem que dirigiu «Veneno Europeu», «Ruas de Nova York», «O Monte dos Vendavais» foram os dois nomes que acreditaram, de forma superior, a adaptação ao cinema da obra de Liliam Hellman, cujo valor todos os que viram o filme, por certo poderam compreender e admirar.

Agora William Wyler, figura das mais notáveis de todo o cinema dos Estados Unidos, começou a dirigir, também para Samuel Goldwyn, um novo filme que tem por assunto um acontecimento da actualidade, um dos mais falados episódios da guerra presente — a batalha de Creta.

O filme intitula-se «The Lost Battalion of Crete» e o seu argumento fala da suposta actividade de um grupo de soldados britânicos que ainda estariam a combater, por meio de guerrilhas, naquela ilha, de novo, e para sempre, famosa.

Os intérpretes são na sua totalidade os mesmos que apareceram em «Raposa Matreira» excepção feita a Bette Davis e Herbert Marshall. São êles, Teresa Wright, Dan Duryea, Virgínia Gilmore e Dana Andrews.

O argumento é da autoria de Niven Bush, chefe do departamento de «scenarios» da Produção da Goldwyn.

Notícias de ESPANHA

• Em Madrid acaba de se fundar uma sociedade para produção de filmes de desenhos animados que usa a razão social de Produciones Dibujos Mestres S. A... O director técnico da emprêsa é o desenhador Salvador Mestres, que vai utilizar as côres, segundo um processo próprio. Ao que se diz usará também o processo multiplano.

• Arturo Perez Camarero Fernandez de Cordoba, e Augusto Bone, que há pouco terminaram o documentário Cuenca e Su Ciudad Encantada», para o qual o maestro Font escreveu uma partitura original, acabaram de dirigir um outro filme curto a que puseram o título de «Madrid, castillo famoso». A música dêste filme foi escrita pelo maestro Conrado del Campo.

• EL HOMBRE QUE SE QUISO MATAR é o título do filme que Rafael Gil dirige com António Casal, Rosita Yarza, Carnino Garrigó e Xan de Bolas.

• O DIFUNTO ES UN VIVO é o título do filme que nos estúdios Kinefon de Barcelona, Iquino está dirigindo. Interpretam-no António Vico, Mari Santamaria, Guadalupe Muñoz Sampedro, Luiz Porredón, Martinez Soria, Gruer e Tereza Idel. O nosso conhecido Isidoro Goldberger é o chefe operador.

• Em Barcelona, nos Estúdios Lepanto, ficou concluido já o filme UNA CONQUISTA DIFICIL, segundo a obra de Lopez de Haro. Foi seu realizador Pedro Puche; e Maruchi Fresno e Lily Vicente são as duas primeiras figuras femininas do filme.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O actor russo NICOLAS KOLINE regressa ao cinema



Dirige-o TURJANSKY para a UFA

Quem se lembra do «Trapeiro de Paris» e de «600.000 francos por mês?»

Quando em 1919 os russos brancos iniciaram em Paris a sua actividade cinematográfica, que foi das mais brilhantes e das mais decisivas do cinema francês, entre os artistas notáveis que formavam, primeiro a Ermolieff e depois, a Albatros, contava-se um que logo teve a simpatia do público dos cinemas europeus. Era Nicolas Koline, um cómico duma marcante personalidade, usando de processos tão simples quanto eficientes, que o celebrizaram durante muitos anos, os mesmos que durou a actividade daquela famosa «troupe» a quem se ficaram devendo obras notáveis, feitas num estilo absolutamente novo para a época. «Casa do Mistério», «Kean» «600.000 francos por mês», entre outros, são filmes interpretados por Koline.

Durante muito tempo o nome de Nicolas Koline deixou de aparecer no cinema como sucedeu a tantos outros dos compatriotas seus dessa época. Agora temos a notícia que êle está na Alemanha, onde, aliás, já trabalhou por volta de 1929. O filme que está interpretando para a UFA e que tem a dirigi-lo, facto curioso, W. Tourjansky, um dos grandes nomes da Albatros, intitula-se «Ilusions» nele aparecendo como vedeta Brigitte Horney, um dos nomes de primeira fila do actual cinema germânico. Os exteriores do filme são feitos na Estíria e em Viena.

PASTERNAK vai produzir o seu primeiro filme depois de ter deixado a Universal

Uma telefonista da Casa Branca pretende abraçar a carreira artística e usa de influências políticas

Joseph Pasternak, o conhecido produtor que foi o responsável pelo êxito da série dos filmes de Deanna Durbin, e que está desde Agôsto na Metro Goldwyn Mayer onde ocupa, justamente, lugar de destacada evidência, vai agora iniciar a sua actividade naquela companhia.

O argumento que aquela emprêsa acaba de adquirir especialmente para Pasternak, é da autoria de Ruth Finney e intitula-se «The White House Girl».

«A Rapariga da Casa Branca» é a história duma telefonista do palácio presidencial de Washington, onde o pai desempenha, também, as funções de chefe dos criados do Presidente. A sua ambição é tornar-se grande cantora, mas antes que realize a sua aspiração tem de se haver com uma rival, de elevado nível social e com importantes afinidades políticas, que procura por todos os meios prejudicar-lhe a carreira, e impedir um romance de amor com um oficial de Marinha.

Um dos grandes atractivos do filme, é sem dúvida, como fàcilmente se calcula, o ambiente em que o filme decorre, visto ser o da mais famosa residência de todos os Estados Unidos — a Casa Branca.

HAL ROACH inicia nova série de fitas em 5 partes

Hal Roach, o conhecido produtor de comédias e um dos primeiros nomes que começaram a produzir filmes em Hollywood quando, depois de largos anos de colaboração, se separou da Metro Goldwyn Mayer resolveu como então noticiámos abandonar a orientação até então seguida e produzir em moldes absolutamente novos.

Lançou-se assim na produção de filmes mais curtos que os habituais filmes de fundo mas com uma importância decididamente maior que os chamados complementos de programa. Enveredou pelas produções em cinco ou seis partes, conhecidas por «Streamlined featurettes», tendo concluido agora a última dessa primeira série, e a qual se intitula «Fiesta», tendo sido fotografada em technicolor.

O êxito dessa primeira experiência foi tal que Hal Roach acaba de anunciar a sua continuação com uma nova série de cinco produções, que a United Artists também voltará a distribuir.

Dêsse segundo grupo devem fazer parte duas comédias de aspecto militar, a primeira das quais se intitula «Hayfoot», e mais um filme musical em technicolor «Cubana», assim como dois outros a cujos títulos não foi ainda dada publicidade, devendo o orçamento total do grupo ser de um milhão e duzentos e cinqüenta mil dolares, o que diz bem da importância dêsses filmes.

Da primeira série fazem parte «Niagara Falls», «All American Girl», «Broadway Limited», «Tanks a Million» e «Fiesta», a que acima nos referimos.

A mulher portuguesa e o cinema

(Conclusão da 2.ª pág.)

seus gestos, da simplicidade do seu vestir e da naturalidade do seu ser, a sua elegância, a sua personalidade, o seu carácter. E parece que nem já se deixam tiranizar pela moda, sendo a moda que se vê obrigada a segui-las, a estudá-las, a adaptar-se aos seus hábitos e aos seus gostos, desistindo, finalmente, de lhes impôr as incomodidades, os constrangimentos, as violências, que as suas avós resumiam, e resignadamente aceitavam, nesta frase do seu catecismo profano: «sofrer... sofrer, para ser formosa».

Esta desenvoltura, esta sinceridade, a fresca juventude e a saúde orgulhosa das raparigas de hoje, não ficou, porém, pela cidade e nas ruas da Baixa, porque as vamos encontrar, também, nas nossas províncias, em vilas e aldeias, onde o ar mais puro, a vida mais regrada e mais simples, lhes darão, com a mais flagrante energia física, um superior equilíbrio de espírito.

Quantas «estrêlas», quantas figuras, expressões, talentos fotogénicos, não estarão entre essas raparigas de hoje?!

E nas mulheres do povo?! Entre as mulheres do nosso povo encontram-se tipos perfeitamente originais, tipos de beleza, tipos de carta, extraordinários.

Não falando já na minhota, na mulher da Beira, na alentejana, na algarvia, observemos as tricanas de Aveiro e de Coimbra, a sua finura, a sua esbelteza, o ritmo do seu andar, da sua elegância, do seu falar.

E as mulheres da beira-mar, da Póvoa, da Nazaré, da Madragôa, as varinas que correm por tôda Lisboa, na venda do peixe, dando às ruas da cidade, a certas horas, a nota de vivacidade, de garridire, na sua marcha ligeira e ondulante, na eufonia dos seus alegres pregões.

Não se diga, pois, que não é Portugal terra de mulheres bonitas, e esperemos que a sua evidente e inconfundível beleza continue a encontrar no cinema português o melhor elemento da sua revelação e das suas graças.

ACÁCIO LEITÃO

Notícias de FRANÇA

• Baseado num cenário de Charles Spaak, Christian Jacque dirige em Paris o filme PREMIER BAL de que serão intérpretes Marie Déa, François Perier, Fernand Ledoux e Raymond Rouleau.

• LE COEUR GAGNÉ, que Yves Allegret dirige em Nice, é interpretado pelo cómico Rélys e por Jeanine Darcey.

• Já começou a realização do novo filme de Tino Rossi, dirigido por Pierre Billon, intitulado LE SOLEIL A TOUJOURS RAISON com argumento de Jacques Prévert. Tomam parte também Charles Vanel, Micheline Presles, Pierre Brasseur e Delmont.

• Jean Boyer, o conhecido realizador francês, vai dirigir o filme LE PRINCE CHARMANT de que Lucien Baroux, o conhecido cómico, a nova actriz Renée Faure e Jimmy Gaillard, que era com Coco Aslan um dos melhores elementos de orquestra de Ray Ventura, são os principais intérpretes.

• Nos estúdios de Paris, Jacques de Baroncelli acaba de dirigir o filme LE BOUILLON BRULE, tirado duma peça de Steve Passeur. Entre os seus intérpretes contam-se Pierre Renoir, Michèle Alfa, Elina Labourdette, Bernard Blier, um dos actores de mais talento da nova camada francesa, Marcel Herrand e Jean Marchat.

• O realizador Jean Gourguet, depois de ter feito os exteriores do seu filme LE MOUSSAILLON realizará os interiores em Paris. O filme tem por intérpretes Roger Duchesne, Yvette Lebon e Lucien Galas.

• PAPA, tirado da peça de Feers e Caillavet por Leopold Marchand está sendo dirigido por Robert Peguy. Alerme, Blanchette Brunoy, Lóon Bellières, Jean Max, Annie Ducaux, e Palan são os seus intérpretes.

• O filme de ambiente patriótico CHEFS DE DEMAIN é interpretado por Jean Daurand, Geo Dorlis, Charles Moulin e Maurice Marsay.

«ENTRE O CÉU E A TERRA» será o título do novo filme de WERNER KRAUSS

Com os últimos exteriores filmados em Kaul e em Xanten, no Reno, ficaram concluídos os trabalhos de realização do filme da UFA «Zwischen Himmel und Erde», que em português se traduz por *Entre o Céu e a Terra*.

O filme, que tem por realizador o dr. Harald Braun, que é com Jacob Geis o autor do «scenario», extraído da novela homónima de Otto Ludwig, é interpretado pelo grande actor Werner Krauss, por Gisele Uhlen e por Paul Henckels, Gustav Waldau, Elisabeth Flickenschildt, Charlotte Schulz, Wolfgang Lukschy, Martin Urtel. A fotografia é do operador Robert Baberske.

Clarence Brown dirige em LONDRES o filme «Cargo of Innocence» com DONAT

A odisseia dum navio de carga que transporta crianças refugiadas

Freqüentes vezes já o Cinema americano tem enviado a Inglaterra realizadores seus, acreditados, com o propósito de nos estúdios de Londres dirigirem, com elementos técnicos e artísticos locais, filmes diversos, a que a expansão natural do filme americano permite um divulgação e uma repercussão de outra forma impossível de alcançar.

Estão neste caso, nos últimos anos, dois filmes que tiveram um lugar de primeiro plano no cinema mundial — «Cidadela» e «Adeus, Mr. Chips». Para dirigir o primeiro deslocou-se propositadamente à Grã-Bretanha e aí trabalhou largo período King Vidor. Para dirigir o segundo veio especialmente, de Hollywood, Sam Wood, que hoje está ocupando uma situação de assinalável destaque na indústria americana.

Agora um outro grande nome entre os melhores que conta o filme americano acaba de fazer a travessia do Atlântico para em Inglaterra dirigir uma produção do cinema nacional. De facto, os boatos que há meses corriam em Hollywood tiveram a sua plena confirmação quando se soube que Clarence Brown, o realizador dilecto de Greta Garbo, cuja carreira desde os tempos heroicos do cinema americano é um exemplo de probidade, de competência profissional, de verdadeiro amor por uma profissão, deixaria os estúdios de Culver City pelos «ateliers» londrinos.

O filme que Clarence Brown está neste momento dirigindo intitula-se CARGO OF INNOCENCE, tendo, o seu argumento, por pano de fundo a guerra actual e por acção um conflito de alta intensidade dramática: Robert Donat, o prestigioso intérprete de «Vende-se um Fantasma» e de «Good bye, Mr. Chips!» é o protagonista dêsse novo filme do realizador de «Maria Walewska».